

MEIO AMBIENTE Segundo o Greenpeace, que fará campanha mundial para a preservação da floresta, dinheiro está liberado desde 92

# País deixa de usar US\$ 270 mi na Amazônia



O presidente Fernando Henrique Cardoso com representantes do Greenpeace, no Palácio do Planalto

CRISTIANE RAMALHO  
 da Sucursal do Rio

O Brasil tem disponíveis, mas não usa, cerca de US\$ 270 milhões para projetos de preservação da Amazônia, informou ontem o Greenpeace, organização não-governamental (ONG) ambientalista, com sede em Amsterdã, na Holanda.

Segundo a ONG, o dinheiro está liberado desde 1992 pelo G-7, grupo dos sete países mais ricos do mundo, e pela União Européia, e faz parte de um programa piloto direcionado para a região.

Ao todo, afirma a ONG, foram liberados US\$ 340 milhões, mas apenas US\$ 70 milhões foram usados. "Acho um escândalo que esse dinheiro tenha sido liberado há tanto tempo e apenas uma fração dele tenha sido usada", diz Thilo Bode, 52, diretor-executivo do Greenpeace Internacional.

Bode esteve ontem no Rio pela manhã para lançar uma campanha de preservação da Amazônia que será prioridade global da entidade e terá custo de US\$ 2,5 milhões, mobilizando os escritórios da entidade em 33 países.

A intenção da entidade, segundo Roberto Kishinami, 47, diretor-executivo do Greenpeace no Brasil, é pressionar o governo federal para que ele transforme o programa de preservação da Amazônia financiado pelo G-7 em projeto

permanente, assuma a liderança do processo e defina prioridades para a região.

"O governo federal teria que dar uma contrapartida para receber o dinheiro, mas este ano foram cortados cerca de US\$ 30 milhões do orçamento, que seriam destinados a esse fim", disse Kishinami. De acordo com ele, o fundo é administrado pelo Banco Mundial.

Segundo o Greenpeace, ao tratar da questão da utilização dos recursos externos destinados ao Brasil, FHC afirmou que o problema é a falta de recursos humanos — especialmente nas áreas de monitoramento e de fiscalização — capazes de suprir a demanda gerada pelos programas ambientais.

## Madeira

O ministro Sarney Filho (Meio Ambiente) recebeu sinal verde do presidente Fernando Henrique Cardoso para aumentar em 1.000% as multas aplicadas a madeiras que cometem crimes ambientais, principalmente na Amazônia.

O aumento das multas deverá ser aprovado este mês em reunião do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente). A medida será uma resposta do governo à campanha contra as madeiras na região deflagrada pelo Greenpeace, uma das mais ativas entidades ambientalistas do mundo.

A iniciativa do ministro de aumentar as multas partiu da constata-

ção dos valores "irrisórios" pagos por duas madeiras asiáticas multadas no Amazonas.

As madeiras terão de pagar R\$ 4.960 por incentivar o corte ilegal de 5.520 metros cúbicos de madeira, o suficiente para abastecer 500 caminhões.

Ontem, a entidade divulgou relatório sobre a atividade de 17 madeiras multinacionais que atuam na Amazônia. O documento mostra que oito madeiras internacionais possuem áreas florestais equivalentes à Bélgica (pouco maior que o Estado de Alagoas).

Dez empresas européias, americanas e asiáticas detêm quase a metade do valor potencial de exportação da região, segundo o Greenpeace.

Para Ruy de Góes, 47, coordenador da campanha da Amazônia no Brasil, um fator de grande preocupação é a tendência de crescimento na exploração da madeira.

Sua preocupação é que, com a destruição das outras reservas mundiais, a Amazônia passe a ser vista como celeiro de madeira.

Segundo o Greenpeace, estimativas do governo apontam que uma área equivalente a 14% da Amazônia brasileira já tenha sido destruída. "A destruição da Amazônia provocada pelas madeiras cria perda de biodiversidade e danos irreversíveis", diz Bode.

Colaborou a Sucursal de Brasília

## Presidente teme decisão do Greenpeace

da Sucursal de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem ao diretor-executivo do Greenpeace Internacional, Thilo Bode, que está preocupado com a decisão da entidade de tornar a Amazônia tema de uma campanha mundial. FHC teme que isso levante discussões sobre a ocupação da região.

"A preocupação do presidente é que, embora a Amazônia seja um tema de interesse global, ela é antes de tudo um tema brasileiro e que sempre levanta alguma sensibili-

dade nacionalista", afirmou Roberto Kishinami, diretor-executivo do Greenpeace no Brasil.

A diretoria do Greenpeace disse a FHC que não há por que ter receio, pois o trabalho no Brasil será coordenado pelo escritório da entidade no país, com apoio dos outros 33 escritórios mundiais.

FHC recebeu a diretoria da entidade em seu gabinete na tarde de ontem. Os dirigentes afirmaram que o contato serviu para estabelecer "a independência e o bom relacionamento" que eles pretendem manter com o governo brasileiro.

"O nosso alvo não é o governo. Nosso alvo são as entidades privadas que desmatam a região sem trazer benefícios ao país", afirmou Kishinami.

FHC disse aos dirigentes do Greenpeace que ele foi uma das poucas vezes que defenderam a atuação de organizações não-governamentais em associação com o governo. A defesa do "papel positivo" das ONGs ocorreu, segundo o Greenpeace, no México, durante a reunião dos países integrantes do Grupo do Rio.

(WILLIAM FRANÇA)